

## *A Interversão do Código Linguístico em Mia Couto*

Luís Manana de Sousa  
Professor na Universidade Lusófona

### **Resumo:**

Este estudo aborda as idiosincrasias e as características estilísticas dos contos do autor moçambicano Mia Couto.

### **Abstract:**

This essay discusses the idiosyncrasies e stylistic characteristics in the short-stories by the Mozambican writer Mia Couto.

### **Palavras-chave:**

Interversão; código; linguístico; Mia Couto; literaturas africanas; neologismos.

### **Key-words:**

Intervention; longuistic code; Mia Couto; African literatures; neologism.

*«L'écriture est l'issue comme descente hors de soi en soi du sens: métaphore-pour autrui-en-vue-d'autrui-ici-bas, métaphore comme possibilité d'autrui ici-bas, métaphore comme métaphysique où l'être doit se cacher si l'on veut que l'autre apparaisse.»<sup>1</sup>*

As literaturas africanas de língua portuguesa manifestam uma permanente alteridade verbal (como técnica literária), conhecendo, do ponto de vista da escrita (no sentido barthesiano do termo), a situação que Jacques Derrida procurou configurar na passagem acima transcrita. Ou seja, toda a escrita literária

---

<sup>1</sup> DERRIDA, Jacques, *L'écriture et la différence*, Paris, Ed. du Seuil, 1967, p. 49.

implica o desaparecimento do «*eu*» para que o «*outro*» possa emergir. Nas literaturas africanas esta regra é manifesta, o «*eu*» que desaparece é o ocidentalizado, no pensamento e na acção (duma relativa aculturação colonial inevitável, e o «*outro*», que renasce, é, afinal, o africano (moçambicano) à espera do seu momento de acesso à voz, à palavra libertadora <sup>2</sup>.

O poeta José Craveirinha, cuja língua materna é o ronga (uma língua banta do sul de Moçambique, com uma gramática e processos morfossintácticos diversos da língua portuguesa), utiliza o português como língua literária, transformando-o inevitavelmente, de modo a criar uma nova forma de enunciar o mundo. No seu texto «*A fraternidade das palavras*» afirma:

(...)  
*Amigos:*  
*as palavras mesmo estranhas*  
*se têm música verdadeira*  
*só precisam de quem as toque*  
*ao mesmo ritmo para serem*  
*todas irmãs*  
*E eis que num espasmo*  
*de harmonia como todas as coisas*  
*palavras rongas e algarvias ganguissam*  
*neste satanhoco papel*  
*e recombinaem em poema.)* <sup>3</sup>

A fraternidade harmónica é resultante de um processo de recombinação, que afecta e altera muitas vezes certo número de aspectos linguísticos particulares. Essas modificações não são exclusivamente linguísticas e têm uma força retórica de relevo <sup>4</sup>.

O ritmo, a harmonia, auxiliam à osmose das línguas que configuram o texto literário africano de língua portuguesa, um texto múltiplo, linguística e ideologicamente.

A marca predominante da escrita de Craveirinha, conforme traduzida no poema acima, é o seu mulatismo cultural e espiritual. A língua portuguesa é abalada nas suas estruturas sintáctico-lexicais, para inovadoramente transportar consigo

---

<sup>2</sup> Vide TRIGO, Salvato, *op.cit.*, p. 86.

<sup>3</sup> CRAVEIRINHA, José, “A Fraternidade das Palavras”, in *Karingana ua Karingana*, Lisboa, Ed. 70, 1972, p. 151

<sup>4</sup> Vide MARTINHO, Fernando J. B., «Karingana ua Karingana de José Craveirinha», in *Cadernos de Literatura*, 12 (1982), CLP, Coimbra, Universidade de Coimbra/INIC, 1982, p. 34 ss.

os ritmos e as energias das línguas moçambicanas, em especial do ronga, de forma a dar corpo a uma poesia mestiça, fundamentada na cultura moçambicana e absorvendo as conquistas formais da poesia moderna ocidental. Esta mestiçagem cultural estrutura a identidade e a poética de Craveirinha.

Eugénio Lisboa, num ensaio que julgamos indispensável para a leitura de Craveirinha, observa que o poeta se compraz em fazer amor com as palavras: «...morde a polpa das palavras, tacteia-as amorosamente, fá-las vibrar no poema, encoleriza-as (...) Faz amor — é bem o termo »<sup>5</sup>.

A subversão ao nível da língua oferece-nos um vasto conjunto de marcas textuais. A sua importância como símbolo da portugalidade e a sua participação na constituição dos cânones literários são factores que a tornam particularmente vulnerável. Como já referimos no nosso trabalho, saber falar português era um dos requisitos para se ascender ao estatuto de assimilado, e a base de toda a tradição literária escrita herdada pelos escritores moçambicanos é em língua portuguesa.

Quer José Craveirinha, quer Mia Couto, procedem à subversão da língua portuguesa, no seu esforço de construir uma identidade literária moçambicana (no segundo autor, como veremos, essa prática será mais alargada e sistemática). Qualquer dos autores serve-se de inúmeras e diversas formas de desvio, que vão incrustando e cruzando nos textos, de modo que se tornem identificáveis como tal, sem, no entanto, prejudicarem a percepção dos enunciados.

Octávio Paz diz que a primeira preocupação do escritor (mexicano) é procurar a «*alma nacional*». Não havendo outra possibilidade para além de escrever em espanhol, é necessário desconstruí-lo e recriá-lo para que se torne mexicano sem deixar de ser espanhol<sup>6</sup>. Trata-se, afinal, de um fenómeno idêntico relativamente aos escritores em análise, sobretudo nos ficcionistas Mia Couto e Ba Ka Khosa, que transformam os modelos portugueses, operando desvios nas suas obras sem que haja prejuízo para o entendimento do texto.

Em Craveirinha, a desconstrução das normas de língua portuguesa verifica-se fundamentalmente ao nível morfossintáctico. Criam-se neologismos a partir, quer de vocábulos existentes na língua portuguesa, quer de vocábulos das línguas bantas, nomeadamente:

---

<sup>5</sup> LISBOA, Eugénio, *Crónica dos anos da peste -I*, Lourenço Marques, Académica, 1973, p. 12.

<sup>6</sup> PAZ, Octávio, *El Laberinto de la Soledad.*, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1990, 2ª ed, p. 199.

- a formação de verbos a partir do substantivo:

*«joelhos puros de raparigas  
canibalizam (de canibal) os olhos  
masculinos nas esquinas das ruas»  
(Cela I - p.10)*

- formação através de prefixos -des ou in- a vocábulos existentes, de vocábulos que exprimem o inverso daqueles:

*«no feitiço viril da insuperstição (in+superstição) das catanas»  
(Xigubo , p.10)*

*«é o preço de conquistar  
uma prática desimigrando (des+imigrar) »  
(Karingana ua Karingana, p.102)*

- formação de palavras através da adaptação de termos bantos às regras fonológicas e morfológicas do português:

*«A maviosa/velha canganhiça\*  
dos timbileiros\*» (Karingana ua Karingana p.35)  
«boca e músculos tlhatlhuvem\* a verdade  
da coacta insónia do zampungana\*  
...  
e fembem-nos\* o torso e os punhos » (Karingana ua karingana, p.166)*

Prática também frequente é a da importação de termos provenientes de línguas bantas moçambicanas:

*«Nas noites de Xigubo sem manta» (Karingana ua karingana, p.67)  
«e um avião de insónias de xibubutelas\*» (Karingana ua karingana,  
p.88)*

Em relação a este aspecto, é conveniente referir que em Craveirinha (e também em Mia Couto, como adiante veremos), a inserção de palavras não obedece às regras comuns de uso de vocábulos estrangeiros, aparecendo no texto sem qualquer sinalização (regra geral). As palavras bantas são usadas como se pertencessem à língua em que os poemas estão escritos. Em contraste, as palavras inglesas, muito frequentes na poesia de Craveirinha, estão entre aspas.

Ainda ao nível morfo-sintáctico ocorrem desvios na utilização do artigo e da preposição (omissão):

«Preço de açúcar e farinha subiu (...)  
Na Machava começou fome de amendoim  
preço de amendoim na cantina subiu»  
(**Xigubo**, p.19)

«Madevo  
foi no comboio de meio - dia  
casa de caniço ficou lá na terra  
mamana escondeu coração na xicatauana\*  
água de chuva secou no céu»  
(**Karingana ua Karingana**, p.58).

No tocante à preposição:

«Máquina começou trabalhar  
máquina está trabalhar»  
(**Xigubo**, p.48)

«(...) e aprendeu segredo de componde  
com picareta ferro de magerman »  
(**Karingana ua Karingana**, p.58)

Rui Knopfli no prefácio à coletânea de poemas «**Maria**», assinala que embora «o discurso de Craveirinha transporte, arreigadas, as sementes da revolta, a denúncia frontal de uma exacerbada condição de injustiça, o amor e a raiva, temperados no lume obstinado da compaixão e da solidariedade », a eficácia dessa carga «só poderia resolver-se cabalmente através da delicada metamorfose operada nos caprichosos filtros da Língua.» No elogio que faz do poeta, Knopfli acentua, mais adiante, que «A beleza excepcional de um grande verso deixa sempre o seu rasto definitivo nos arquivos da memória, preservando assim a disponibilidade de vir a lume quando solicitado.» - (**Maria**, 1988, pp.9-14).

É, contudo, na narrativa de Mia Couto que a subversão da língua portuguesa é feita de forma mais sistemática. É na vertente específica da língua, na ruptura com os modelos portugueses, que o autor adopta uma estratégia de identificação, de afirmação de uma identidade literária moçambicana.

O escritor José Saramago, que foi galardoado com o prémio Camões 1995 (tal como o fora José Craveirinha em 1991, ou mais recentemente Pepetela, 1997), afirmou o seguinte a propósito da língua portuguesa (mensagem enviada à Mesa Redonda Afro-Luso-Brasileira, Luanda, Janeiro de 1994): «O que eu sei é que o futuro do português como língua de comunicação e de cultura

*está radicalmente ligado às fronteiras dos mundos africano e brasileiro. Nenhum de nós é proprietário exclusivo da língua portuguesa, mas todos podemos fazer por ela o que ela faz por nós: construí-la todos os dias* ». Ainda o mesmo escritor, a propósito da obra «**Cronicando**» de Mia Couto anotaria que este «*está a criar um português subtilmente diferente, capaz de comunicar coisas novas* ».

Esta realidade em que cada falante constrói em cada dia a sua língua torna-se ainda mais dinâmica quando uma língua está em constante contacto com outras línguas (as línguas bantas moçambicanas). Desse contacto resultam em geral factores de transformação que, progressivamente, e dadas as condições para a sua manutenção, podem introduzir variação e mudança linguística. Ou seja, uma vez em contacto, as línguas encetam um processo de acomodação que depende de vários factores <sup>7</sup>.

Essa acomodação é sensível em qualquer das ex-colónias, como nos dá notícia Manuel Ferreira:

«Pondo-nos agora ao lado dos Africanos, a língua do colonizador é possível transformar-se na língua não já do outro, mas de Nós, ex- colonizados. A língua do Próspero é recuperada por Caliban. E como língua do nós vai ser, dia a dia, modificada de modo a poder responder às íntimas exigências nacionais, de comunicação e expressão... De modo ininterrupto e criadoramente vai sujeitar-se aos mais imprevistos desvios, interferências, empréstimos, fenómenos de prosódia, como variações de acento, de entoação, de ritmo, sabe-se lá... A tendência será ou pode ser para a criação de tantas novas normas quanto os países, não coincidentes e distintas do português normativo » <sup>8</sup>.

O processo de acomodação acima referido é mais sensível em situações pós-coloniais, e ao procurarmos a relação entre esse português africano e o português europeu chegamos naturalmente à «*unidade na diversidade* » <sup>9</sup>. O português está a tornar-se veículo de valores sócio-culturais especificamente africanos (moçambicanos, em toda a ficção de Mia Couto). Há de facto um português regional africano com variedades, no âmbito fonológico, lexical, morfo-sintáctico, semântico. Contudo, há limites naquela diversidade, «*há dentro da*

---

<sup>7</sup> Vide MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1989, 2ª ed., p. 23.

<sup>8</sup> FERREIRA, Manuel, *Que futuro para a língua portuguesa em África?*, Linda- -a-Velha, ALAC, 1988, p. 316.

<sup>9</sup> MATEUS, Maria Helena Mira, *op.cit.*, p. 25.

*diversidade um limiar que não dever ser ultrapassado: é o ponto além do qual a intercomunicação desaparece* »<sup>10</sup>.

Não está ainda linguisticamente caracterizada a variedade africana / nacional. Impõe-se o estudo dos «desvios», o seu registo cuidadoso, promovendo-se registos de frequência, inventariação em dicionários e gramáticas, uma investigação. Como reconhece Alfredo Margarido, a propósito do espaço lusófono tomado como « *As propostas existenciais dos homens, se dependem da afectividade, dependem muito mais do conhecimento (...) cimento indispensável à organização de um espaço minimamente coerente. (...) uma invenção, na qual participam não só os portugueses, mas também todos os povos com quem estes mantiveram contactos, ou que aceitaram inscrever-se inteiramente na língua portuguesa. (...) A mobilidade do espaço exige que a língua e as línguas circulem e se transformem.* »<sup>11</sup>.

Na escrita de Mia Couto há uma intersversão do código linguístico. Há uma incursão dentro da língua portuguesa daquilo que marca uma cultura, resultando de uma síntese de culturas. Essa característica torna-a mais inventiva. Como afirma o próprio Mia Couto: « *o português foi deste modo assaltado, amado e violentado: esse namoro cedeu fecundidade (...). Esse processo de apropriação é um facto quase único no Continente Africano* »<sup>12</sup>. O português transforma-se e adquire matizes próprias dentro de um país plurilingue, no mosaico etno-linguístico que o enforma. Mia Couto constitui um exemplo paradigmático, um dos expoentes no remanejamento e na experimentação dos limites da língua portuguesa, preocupando-se fundamentalmente com o seu lado estético<sup>13</sup>.

O estilo de Mia Couto repõe a graça e o carinho da palavra que procura desvelar o mundo encoberto da essencialidade cósmica, manifestando

---

<sup>10</sup> TEYSSIER, Paul, *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 121.

<sup>11</sup> Texto policopiado, no âmbito da cadeira leccionada de Estratégias da Lusofonia pelo Professor Alfredo Margarido na parte curricular.

<sup>12</sup> FERREIRA, Manuel, *op.cit.*, p. 5.

<sup>13</sup> Não é nosso principal objectivo fazer um levantamento exaustivo dos principais desvios à norma (consultámos toda uma bibliografia que faz esse registo: ausência/troca/excesso/de preposições; colocação/dos pronomes directo/indirecto/reflexo; troca/do pronome de complemento indirecto e vice-versa; neologismos a partir do português e a partir de empréstimos africanos, etc.). Estudos nesse âmbito têm sido levados a cabo por especialistas como Lourenço do Rosário, Fernanda Cavacas, Isaura Oliveira, Ana Blaser Gaspar, Ana Lúcia Santos, Carla Ivone Diogo, entre outros. Vide, ROSÁRIO, Lourenço do, *op.cit.*, pp. 109-120, GASPAR, SANTOS e DIOGO, “Inovação lexical nos textos de Mia Couto”, in *O Foco*, nº12, 1994.

compreensão e ternura pelos seres e coisas fustigados pelos ventos da história. Tal como referimos, a enumeração dos resultados da criatividade lexical seria impensável, fornecemos apenas alguns exemplos, para dela se poder aquilatar: *homenzarrou, depressou-se, fantasiática, carinhenta, esteirados, rebulir, estremungado, topousar, manifestivo, estremexendo, nuventanias, febrilhante, deslembra, sozinha, pertubabado, gesticalada, irmãodade, exuberrante, inutensílio, tintintilar, entrequando, esmãozinho, exactamesmo, convidançante, mancha- -prazeres, embriagordo, veementindo, atordoído, titupiante, inaposento, administrador, cristalinda, ruando, sobreassaltada, timiúda, trapalhaço, ataratonto, sonhatriz, tristonta, matabichava, maistravez, bazufiou, palavração, duvidável, criaçuras, trocpartida, gatinhoso, contadeiro, mexilhento, atrapalhaço, etc .*

Como se pode ver nos exemplos apontados, a literatura moçambicana, como as literaturas africanas contemporâneas, procura estar fundada nas raízes culturais de tradição oral, apesar de ser expressa numa língua europeia escrita (portuguesa) que lhe é exterior. A forma da linguagem utilizada aponta caminhos para uma expressividade literária moçambicana, fruto do entrecruzar de culturas (africana e europeia). Neste sentido, Mia Couto procura dar resposta a este problema, sobretudo no modo como o universo diegético dos seus romances <sup>14</sup> nos dá conta do «conflito» entre aquelas duas matrizes da cultura moçambicana:

« - Eles, todos eles, lhe estão a dizer coisas importantíssimas. Você é que não fala a língua deles.  
- Não falo? Se nós falámos sempre em português?!  
- Mas falam outra língua, outro português. » (V.F.p.77).

Em Moçambique são faladas cerca de dezoito línguas bantas, cada uma com um número maior ou menor de dialectos ou variantes, o português e algumas outras línguas oriundas do sub-continente indiano. As línguas africanas de Moçambique são línguas de tradição oral cujo processo de padronização ortográfica já foi encetado. O português é a única língua oficial por ser considerado um factor de unidade nacional e, portanto, também é a única língua usada no sistema de ensino formal. Apesar disso, o português só é falado por 25% da população, sendo a língua materna de apenas cerca de 236.000 moçambicanos (1,5% da população). Este grupo de falantes vive essencialmente nos centros

---

<sup>14</sup> Nos dois romances publicados por Mia Couto: *Terra Sonâmbula* (1992) e *A Varanda do Frangipani* (1996) , usamos respectivamente as siglas T.S. e V.F.



urbanos e administrativos, e nas regiões do litoral junto à foz do rio Limpopo e do rio Zambeze. É pois evidente que o português é uma língua minoritária (a 17ª mais falada do país) que aparece intimamente ligada aos detentores do poder concentrados nos meios urbanos e/ ou no litoral<sup>15</sup>.

Outro aspecto importante da situação do português em Moçambique é o facto de ter-se vindo a desenvolver uma variante moçambicana do português com algumas características específicas (um léxico próprio de, pelo menos, 1700 palavras). Mas, sendo a língua oficial do país o português de norma europeia, este português «moçambicanizado» vive essencialmente no domínio da oralidade e as suas especificidades «*podem relacionar-se quer com as línguas bantas, através de um mecanismo de interferência, quer com regras existentes no próprio Português, através de generalizações de tipo analógico*»<sup>16</sup>. Algumas das características deste português de Moçambique são as seguintes: a formação de novas palavras por derivação (*bichar, pacientar, desconseguir*), o uso de passivas dativas em que o complemento indirecto surge na posição do sujeito (*eu fui dito que ...*), o emprego indiscriminado de tu/você, a adopção e/ou adaptação de palavras de qualquer uma das línguas bantas essencialmente para designar frutos, comidas e costumes, a inserção de clíticos e de preposições em situações em que tal não se verifica na norma europeia (*ele optou-se pelo silêncio, dominar ao animal*), o uso do clítico em posição proclítica (*ela se penteou*), o uso do pronome pessoal complemento indirecto em vez do pronome pessoal complemento directo (*eu vi-lhe ontem*) e a ausência dos artigos definidos.

Analisemos agora nos romances de Mia Couto, através de exemplos retirados do texto, algumas estratégias ou efeitos linguísticos que, de uma maneira ou de outra, afirmam o carácter oral ou «oralizante» da escrita, quer por apresentar características da língua falada e da narrativa africana de tradição oral, quer por recorrer a vocabulário e a estruturas sintácticas de línguas bantas orais e do português de Moçambique, que é uma variante utilizada essencialmente no âmbito da oralidade.

---

<sup>15</sup> Vide ROSÁRIO, Lourenço, in *Discursos 3*, Coimbra, Univ. Aberta, 1993.

<sup>16</sup> GONÇALVES, Perpétua, «A variação do português dentro do português», in *RILP* nº1, Lisboa, AULP, 1990.

Vejamos, então alguns exemplos:

- (1) «*Se aproxima por trás e dispara um puxado pontapé no animal. Um **méééé** se amplia pela noite.*» (T.S. p.36);
- (2) «*A canoa se ondeava, adormentada em águas perdidas. Meu peito **bumbumbava**, acelerado.*» (T.S. p.63);
- (3) «*Emborco dessas bebidas deles, tradicionais, e me deixo **zulular**.*» (V.F. p.50);
- (4) «*E quem passasse por ali ouvia os insectos **zunzundo** nos subterrâneos*» (V.F. p.117);
- (5) «*Os mosquitos. São grandes, negros, **zunzumbentes**. Não mordem.*» (T.S.p.188).

Trata-se aqui duma oralidade de carácter onomatopaico em que o significante procura imitar os sons da natureza. Este recurso estilístico faz um apelo directo ao significante fónico da oralidade. Note-se ainda a variedade morfológica dessas onomatopeias: no exemplo (1) temos um substantivo, nos exemplos (2,3 e 4) verbos e no exemplo (5) um adjectivo.

Também no domínio da análise lexical, os exemplos que se seguem mostram outras marcas de oralidade:

- (6) «*No desfrizar do medo me veio a suspeita: e se fossem as **quizumbas** a aproveitar das panelas?* » (T.S.p.22);
- (7) «*uns antigos terrenos de **machamba**. Tudo fora abandonado, as culturas se tinham perdido.*» (T.S.p.54);
- (8) «*Só o **nganga**\* lhe pode ajudar. Talvez ele sabe um lugar sossegadinho.*» (T.S.p.32);
- (9) «*Como não me apropriaram funeral fiquei em estado de **xipoco**, essas almas que vagueiam de paradeiro em desapareiro*» (V.F.p.12);
- (10) «*Não ascenderei nunca ao estado de **xicumbo**, que são os defuntos definitivos, com direito a serem chamados e amados pelos vivos*»(V.F.p.12);
- (11) «*Lhe batem com paus, ramos secos, lhe atiravam areia, pedras, torrões. - Porquê me batem, **mães**?* » (T.S.p.110).

Nos exemplos (6) e (7), as palavras destacadas fazem parte do léxico próprio do português de Moçambique, sendo já registadas como tal na 10ª edição do Dicionário Morais de 1954. Em ambos os casos parece tratar-se de palavras

originárias duma qualquer língua banta falada em Moçambique (em swahili, por exemplo, *mashamba* quer dizer *terrenos cultivados, plantações*). O aportuguesamento destas palavras é evidenciado pelo uso da letra «q», inexistente na generalidade das línguas bantas, pela flexão portuguesa do plural (exemplo 6) e pelo uso no singular duma palavra que na língua de origem estará no plural (exemplo 7).

Nos casos dos excertos (8), (9) e (10), as palavras destacadas não aparecem registadas nos dicionários de língua portuguesa (mesmo nos mais recentes), o que acentua o seu carácter oral - tratar-se-á de palavras bantas (em swahili, *nganga* é um médico tradicional) cujo uso na escrita será muito raro; este facto é mais notório no exemplo (9) cuja grafia parece ainda não estar padronizada.

Finalmente, no exemplo (11) está-se aparentemente perante uma palavra «totalmente» portuguesa, mas o contexto situacional em que é usada, aliado ao facto de estar no plural, provoca alguma estranheza. A realidade, é que se trata duma tradução literal e impossível duma palavra que, pelo menos em tsonga, significa mãe, tia materna, co-esposa mais velha e madrasta. Ou seja, é uma palavra portuguesa que é usada com um valor semântico banto.

Em seguida vejam-se alguns exemplos do romance «*Terra Sonâmbula*», em que a oralidade só indirectamente está presente. Trata-se dum conjunto de frases e de expressões idiomáticas, típicas da variante europeia do português e com as quais é feito um trabalho estilístico de grande expressividade e criatividade:

(12) « *Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante:*» (T.S.p.9);

(13) «*Dentro desta solitária residência ela deveria colocar o velho barco de meu pai, com seu mastro, sua tristonha vela. Seu dito, nosso feito.*» (T.S.p.21);

(14) «*Prometera sociedade com Surendra. Mas no actual presente o prometido é de vidro.*» (T.S.p.123);

(15) «*A barçaça não resistia, o caudal do rio a ver com quantos paus se desfaz uma canoa.*» (T.S.p.96).

(16) «*O moçambicano ripostou, quisesse o estrangeiro ensinar o Padre-Nosso ao vigarista.*» (T.S.p.179).

Trata-se de um grupo de expressões que têm um carácter eminentemente coloquial e que por isso são mais frequentes no discurso oral. Aliás, note-se que

as três primeiras (exemplos 12, 13 e 14) apresentam algumas das características próprias da narrativa oral: aliteração e paralelismo.

Mas o uso que o autor faz destas frases e expressões idiomáticas, confere-lhes novas matizes, possíveis através duma alteração semântica a que não correspondem alterações profundas ao nível fónico e sintáctico. Assim no exemplo (12), em vez do emprego de um único verbo (*dizer*), verifica-se o emprego de dois verbos antonímicos (*vir e ir*) que, no entanto, mantêm o mesmo aspecto fónico do original. Já no exemplo seguinte(13), verifica-se uma alteração do mesmo tipo, mas agora é o pronome possessivo (*meu*) que é substituído por dois pronomes possessivos diferentes (*seu e nosso*), alterando completamente o sentido da expressão. Entre o exemplo (14) e a expressão que está na sua origem, a diferença a nível fónico é quase imperceptível, enquanto o seu significado é exactamente o oposto. Também no exemplo(15) o significado é o oposto ao da expressão que está na sua origem, o que é conseguido pela prefixação do verbo (*fazer-desfazer*). Por fim, o excerto (16) inclui uma expressão em que a alteração semântica é conseguida através do recurso a uma palavra parcialmente semelhante àquela que é originalmente empregue (*vigário - vigarista*).

Estes jogos de palavras, ou jogos com as palavras, também estão na base de algumas originais e expressivas palavras e expressões, tais como as destacadas nos excertos que se seguem (dos dois romances):

(17) «*Nos princípios o miúdo só pronunciava estranhas **gemências**.*»  
(T.S.p.55);

(18) «*Eu era mais recém que recente mas já escutava com total **discernência***» (V.F.p.32);

(19) «*Ontem lá na fortaleza, se deu a espantável **acontecência***»  
(V.F.p.137);

(20) «*Até o capim que nunca tem nenhuns pedidos, até o capim vai **miserando**.*» (T.S.p.98);

(21) «***Timidamente**, despontam os primeiros fios de conversa.*»  
(T.S.p.189);

(22) «*Vinha acompanhado de sua esposa, **Carolinda**.*» (T.S.p.129);

(23) «*Seus olhos, **boquiabertos**, navegavam em retalhos de riqueza.*»  
(T.S.p.153)

As palavras destacadas nos excertos (17, 18, 19, 20 e 21) são vocábulos inexistentes na língua portuguesa, mas que são verosímeis, pois na sua construção são empregues formas de derivação e de constituição de palavras próprias desta língua. Assim como *ocorrer* está ligado a *ocorrência*, ou *tender a tendência*, também *gemer* pode dar origem a *gemência*, *acontecer a acontecência* ou *discernir a discernência*. No segundo caso (exemplo 20), assiste-se também a uma generalização por analogia da transformação de substantivos em verbos - *miséria*, *miserando*. Também comum em português é a formação de advérbios de modo a partir de ajectivos, com o sufixo -mente, tal como acontece com o exemplo (21). O que neste caso é original é o facto de o advérbio ser constituído a partir de dois adjectivos (*tímido e miúdo*), em que o segundo reforça o significado do primeiro, em duas direcções diferentes: a conversa, além de ter começado de forma tímida, começou aos poucos (miudamente) ou da maneira própria dos miúdos!

No excerto (22) é assinalado o nome próprio duma personagem feminina que é descrita como sendo particularmente bela - o seu nome, na linha da tradição africana que atribui aos antropónimos um valor particular, é um claro indicador da sua imagem. Neste grupo de excertos, o (23) é o único que tem destacada uma palavra existente em português, mas que é aqui usada duma forma algo metafórica, se admitirmos que estamos perante uma sinestesia em que uma acção ou estado é atribuída a um sujeito que naturalmente não a pratica (quem fica boquiaberto são as pessoas e não os olhos, que não têm boca).

Com o último grupo de excertos analisados, extraídos de «*Terra Sonâmbula*», pretende-se pôr em evidência algumas formas de estruturação das frases próprias do português de Moçambique:

(24) «-*Eu prometi que iria buscar seu menino. É isso que farei, Farida.*» (T.S.p.108);

(25) «*A mão do velho se calca sobre os seus lábios, impondo o grave silêncio. Então, por altos capins, assoma um elefante. O bicho se arrasta, cansado do seu peso.*» (T.S.p.39);

(26) «*Ouvíamos a baleia mas não lhe víamos.*» (T.S.p.23).

No exemplo (24) está em foco a tendência dos falantes moçambicanos de português para omitirem os artigos definidos, talvez porque nas línguas bantas os artigos definidos não existem, sendo por isso a prática do seu uso de difícil aquisição.

Outra característica do português de Moçambique, de que a escrita de Mia Couto dá conta, tem a ver com a posição dos clíticos (exemplo 25). Com efeito, contrariamente ao que acontece na variante europeia do português, os moçambicanos tendem a usar a próclise. Este fenómeno, aliás, verifica-se também na variante brasileira do português, bem como na generalidade das línguas neolatinas.

O último exemplo (26) ilustra o facto de a maioria dos falantes moçambicanos não fazerem distinção entre o pronome pessoal complemento directo e o pronome pessoal complemento indirecto. Tal fenómeno parece dever-se ao facto de as línguas bantas, à semelhança do que se passa com outras línguas (como o inglês, por exemplo), não fazerem essa distinção. Assim, em vez de termos «*Ouvíamos a baleia mas não a víamos* », temos «*Ouvíamos a baleia mas não **lhe** víamos* ». A preferência pela forma indirecta (*lhe, lhes*) pode radicar no facto desta, ao contrário da forma directa (*o, a, os, as*), não ter variação de género, tal como acontece nas línguas bantas.

Mia Couto parece mostrar como a língua portuguesa pode dar conta duma realidade que, na origem, *lhe* é estranha. Nessa realidade (a realidade moçambicana) predominam as línguas bantas, a comunicação oral (por essas línguas serem prioritariamente orais), e uma variante do português com tonalidades próprias.

«*Neste asilo, o senhor se aumente de muita orelha. É que nós aqui vivemos muito oralmente* » ( *A Varanda do Frangipani*, p.28).

O autor escreve num estilo de carácter oral com frases curtas e aliteraões, recorrendo a onomatopeias e a um uso criativo das palavras que só a oralidade permite. Não raro, surgem regras de formação e de enriquecimento lexical. Tais palavras são por isso verosímeis e, geralmente, surgem como um valor semântico acrescentado.

Por outro lado, a linguagem utilizada reflecte, ao nível lexical, semântico e sintáctico, as particularidades da variante moçambicana do português ao utilizar termos bantos aportuguesados, uns já dicionarizados como moçambicanismos e outros cuja ortografia ainda nem sequer está definida. Regista-se também o uso constante de construções sintácticas próprias do português de Moçambique, como sejam, o emprego do pronome complemento indirecto em vez do pronome complemento directo e o uso dos clíticos em posição prclítica.

Muito interessante e original é o trabalho que é feito com expressões idiomáticas do português. Estas, pelo seu carácter coloquial, são especialmente

usadas no domínio da oralidade e naquelas obras (de Mia Couto) surgem aparentemente mutiladas. O que se verifica, na realidade, são pequenas alterações ao nível fónico que modificam substancialmente o conteúdo semântico - são jogos com as palavras feitos por quem, só aparentemente, não se lembra bem da expressão e a altera a seu belo prazer, reforçando o(s) seu(s) significado(s).

Mas o português, pelo facto de ser uma língua escrita, é, como no caso da «*Terra Sonâmbula*», uma espécie de possibilitador da intriga - é porque há um texto escrito e alguém que o sabe ler que nos é possível conhecer a intriga segunda, mas não secundária. A escrita, ao poder preservar material e visivelmente a memória, é tida como um refúgio e como possuidora de alguma magia e encantamento.

No entanto, quem sabe escrever é alguém que se afastou da tradição e do seu mundo original, pois só em português é possível escrever. Enquanto as línguas africanas são as línguas da integração no meio, o português é-nos mostrado como a língua de quem exerce o poder e de quem traiu a tradição.

«*Agora, sentado junto à rebentação das ondas, o inspector lembrava as palavras da enfermeira. E sorria, Quem sabe Marta tinha razão? Ele estudara na Europa, regressara a Moçambique anos depois da Independência. Esse afastamento limitava o seu conhecimento da cultura, das línguas, das pequenas coisas que figuram a alma do povo. Em Moçambique ele ingressara logo em trabalho de gabinete. O seu quotidiano reduzia-se a uma pequena porção de Maputo. Pouco mais do que isso. No campo, não passava de um estranho.*» (A *Varanda do Frangipani*, p. 44).

Contudo, o português é também apresentado como a língua do futuro em que os desvios são vistos «... *como sinais de emergência de uma cultura que se apropriou de uma língua e a vai moldando para que dela se possa servir inteiramente. As alterações da língua portuguesa têm uma lógica que ultrapassa o domínio linguístico e que traduzem uma outra apreensão do mundo e da vida.*»<sup>17</sup>.

Ungulani Ba Ka Khosa, tal como os autores já analisados, opera desvios na sua ficção sem que haja qualquer prejuízo para o entendimento do texto. Contudo, este autor procura ser fiel aos códigos propriamente linguísticos do português padrão, operando desvios ao nível estilístico. A sua tarefa é semelhante à do escritor mexicano Octávio Paz, acima referido, o qual procura a «*alma nacional*»<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> COUTO, Mia, in *Tempo*, Maputo, 12/10/86, p. 46.

<sup>18</sup> PAZ, Octávio, *op.cit.*, p. 199.

O ficcionista moçambicano leu os autores latino-americanos que o influenciaram a «colocar uma série de acontecimentos em poucas frases»<sup>19</sup>.

Observemos a título de exemplo o esforço deliberado do autor em usar a frase longa, acumulando pormenores, por vezes através de um vocabulário de certa irreverência: «*Molungo, tio do soberano, homem que acompanharia o rei no infortúnio dos anos intermináveis de exílio, pediu a palavra, ciente de que Mputa não cometera tal crime pois bastas foram as vezes que vira a inkonsikazi acercar-se do homem como um animal em cio, mas bolas, pensavam, palavra do rei não volta atrás, e não seria ele, Molungo, que revolveria a montanha tecida, mas tinha, para seu agrado, a capacidade de atenuar a pena proferida, e daí que tenha começado a elogiar o rei, enchendo os testículos, o bojo e o traseiro descomunal do hosi, de glórias possíveis e imaginárias, de factos reais e irreais que ele, rei de tantos feitos, herói sem par na História, foi protagonista primeiro e único que a História registará enquanto os homens estiverem sobre a terra!*» (*Ualalapi*, p.47).

Os elementos pelos quais se apresenta o passado ancestral nos mitos que compõem a história ideológica das sociedades de memória oral, como a moçambicana, revestem-se de um cariz misterioso. A hipérbole assume uma outra dimensão, ligada à profusão de imagens, produzindo um efeito de estranhamento, o paradoxo da nomeação com abundância de detalhes.

Os escritores moçambicanos, do ponto de vista técnico-literário, propiciam-nos um distanciamento em relação aos modelos europeus (portugueses) ao construírem a alteridade linguística que demarca a sua escrita daqueles, ao mesmo tempo que se apropriam dos modelos da tradição oral africana.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Bibliografia activa

BA KA KHOSA, Ungulani, *Ualalapi*, Lisboa, Editorial Caminho, 1991.

COUTO, Mia, *Vozes Anoitecidas*, Lisboa, Editorial Caminho, 1986, 2ª ed. COUTO, Mia (1990), *Cada Homem é uma Raça*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992.

COUTO, Mia (1991), *Cronicando*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992.

---

<sup>19</sup> O próprio autor (Ba Ka Khosa) refere essa influência numa entrevista dada ao semanário moçambicano *Tempo*, Maputo, 19/7/87, p. 42.



- COUTO, Mia, *Terra Sonâmbula*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992.
- COUTO, Mia, *Estórias Abensonhadas*, Lisboa, Editorial Caminho, 1994.
- COUTO, Mia, *A Varanda do Frangipani*, Lisboa, Editorial Caminho, 1996.
- CRAVEIRINHA, José (1964), *Xigubo*, texto integral, Lisboa, Ed.70, 1980, 2ª ed.
- CRAVEIRINHA, José, *Cantico a un dio di catrame*, Milão, Lerici (trad. de Joyce Lussu), 1966.
- CRAVEIRINHA, José, *Karingana ua Karingana*, Lisboa, Ed.70, 1982.
- SOUSA, Noémia, *Sangue Negro*, Caderno policopiado, 1951.

## 2. Bibliografia passiva

### Teoria literária

- AAVV, “1er Congrès International des Ecrivains et Artistes Noirs”, Paris (1956), Estudos Ultramarinos, 1959, nº3, p.258.
- AAVV, “Résolution concernant la littérature” in *Présence Africaine*, XXIV- - XXV (Deuxième Congrès d’Écrivains et Artistes Noirs - Tome I - L’Unité des Cultures Négro-Africaines, 1959.
- DERRIDA, Jacques, *L’écriture et la différence*, Paris, Ed. du Seuil, 1967.
- FERREIRA, Manuel, *Que futuro para a língua portuguesa em África?*, Linda-a-Velha, ALAC, 1988.
- FERREIRA, Manuel, *O discurso no percurso africano I*, Lisboa, Plátano, 1989.
- LISBOA, Eugénio (1969), «Nota muito sumária a propósito da poesia em Moçambique», in KNOPFLI, Rui, *Mangas verdes com sal*, 2ª ed. rev. e apr., Lourenço Marques, 1972, pp.5-11 e 13.
- LISBOA, Eugénio, <<Perspectiva sumária da literatura em Moçambique >>, in *A Voz de Moçambique*, nº346, ano XII, 15 de Agosto de 1971.
- LISBOA, Eugénio, *Crónica dos anos da peste-I*, Lourenço Marques, Académica, 1973.
- LISBOA, Eugénio, *Crónica dos anos da peste-II*, Lourenço Marques, Académica, 1975.
- LISBOA, Eugénio, «O Particular, o Nacional e o Universal», in *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise, A la Recherche de L’identité individuelle*

- et Nationale* (Actes du Colloque International, Paris, 28-29-30 Novembre, 1 Décembre 1984) Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1985.
- LISBOA, Eugénio (1987), «O Particular, o Nacional e o Universal» , in *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise: A la Recherche d'Identité Individuelle et Nationale*, Paris, Fond. Cal. Gulbenkian, 1985, pp.509-512.
- MARTINHO, Fernando J. B., «Karingana ua Karingana de José Craveirinha», in *Cadernos de Literatura*, 12 (1982), Coimbra, CLP, Universidade de Coimbra/ INIC, 1982, pp.34-41.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii, *Gramática da Língua Portuguesa* , Lisboa, Caminho, 1989, 2ª ed..
- REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina Macário, *Dicionário de Narratologia* , Coimbra, Almedina, 1994.
- ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa, «Língua Portuguesa e Expressão Moçambicana », in *Discursos*, 3 (Fevereiro de 1993), Coimbra, Universidade Aberta, 1993, pp.109-120.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da literatura*, vol 1, Coimbra, Almedina, 1984, 6ª ed..
- SILVA, Vítor Manuel, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1986.
- TEYSSIER, Paul, *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1982.
- TRIGO, Salvato, “Literaturas de expressão Portuguesa: um fenómeno de urbanismo”, in *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise, A la Recherche de l'Identité Individuelle et Nationale*, Actes du Colloque International, Paris, 1985, pp.60-66.
- ZGORZELSKI, Andrzej, “On differentiating fantastic fiction: some supragenological distinctions in literature, *Poetics Today*, vol. 5, nº2, 1984.
- ZUMTHOR, Paul, *Introduction à la poésie orale*, Paris, Ed. du Seuil, 1983.